

A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede)

Manuel Leitão *, C. T. North **, José Norton ***,
Octávio da Veiga Ferreira **** e Georges Zbyszewski *****

Resumo

Os autores descrevem os trabalhos realizados em 1975/76 numa gruta funerária da região de Rio Maior, situada mais precisamente no Lugar do Canto, Valverde (Alcanede), e o espólio arcaico recolhido, do Neolítico antigo de Portugal, com alguns elementos que prolongam a cultura representada para a primeira fase do Neolítico médio.

O material arcaico, muito uniforme, inclui instrumentos de osso, adornos de concha de *Dentalium* e de *Glycimeris*, micrólitos geométricos, trapézios com 'coche' lateral e goivas de xisto anfibólico polido. O Neolítico médio é assinalado pela presença de cristal de rocha, machados e enxós de secção rectangular e lâminas largas. Nota-se a ausência de pontas de seta e de cerâmica.

O estudo do espólio antropológico fornece informações interessantes sobre o modo de vida dos habitantes da região nos tempos pré-históricos, em comparação com o das populações antigas da gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e dos concheiros de Muge.

A datação estimada para a utilização da gruta do Lugar do Canto para fins funerários é de cerca de 4100 a.C. a 3300 a.C.

Abstract

The authors describe the work done in 1975/76, in a cave of the Rio Maior region, situated more precisely in the Lugar do Canto, Valverde (Alcanede),

* Av. Miguel Bombarda, 18-A, P-2780 Oeiras, Portugal.

** Rua Heliodoro Salgado, 6-B, P-2780 Oeiras, Portugal.

*** Prolongamento Rua 2, Alto de Sta. Catarina, Brejos-Dafundo, P-1495, Lisboa, Portugal.

**** Serviços Geológicos de Portugal, Rua da Academia das Ciências, 19, 2.º, P-1200 Lisboa, Portugal.

and the artifacts obtained, which form an archaic context of the Neolithic I-B period of Portugal, with some items showing an extension of the culture into the first phase of the Middle Neolithic.

The very uniform archaic phase is represented by bone tools, ornaments of *Dentalium* and *Glycimeris* shells, geometric microliths, trapezes of the Monchique type, with a lateral notch, and gouges of polished amphibolite. The Early Middle Neolithic is marked by the presence of rock crystal, rectangular-sectioned axes and adzes, and a wide flint blades. Arrow points and pottery are lacking in the material encountered in the cave of Lugar do Canto.

The study of the anthropological remains provides interesting information concerning the way of life in the region, in prehistoric times, as compared with the ancient populations of the cave of Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) and the shell middens of Muge.

The use of the cave of Lugar do Canto for funerary purposes is presumed to be from about 4100 BC to 3300 BC.

1. Introdução

A gruta do Lugar do Canto foi descoberta, inesperadamente, em Julho de 1975, por Manuel Pereira, junto da sua casa, no decurso da abertura de um buraco nos calcários jurássicos, para a construção de uma cisterna. Tal descoberta despertou a curiosidade da população, que se juntou no local,



penetrando na gruta e pisando as ossadas humanas que ali se encontravam depositadas. Para evitar estragos que poderiam ser irreparáveis, o chefe da estação dos correios de Alcanede, de acordo com o proprietário do terreno, telefonou para os Serviços Geológicos de Portugal, pedindo com a maior urgência a comparência de um técnico daqueles Serviços, a fim de dizer o que era necessário fazer.

A primeira visita no local foi feita no dia seguinte (1 de Agosto). No momento da nossa chegada, encontrava-se junto da entrada da gruta grande parte da população do povoado. Muitas pessoas já tinham penetrado no interior, acompanhadas pelos filhos de Manuel Pereira. Por sua vez, a miu-

dagem das vizinhanças não deixou escapar a ocasião para viver uma aventura que vinha quebrar a rotina do seu dia a dia e percorreu as galerias até aos últimos recantos, fazendo inconscientemente, na escuridão, estragos de alguma importância. A observação inicial da jazida mostrou-nos ossos esmigalhados ao longo das paredes das galerias, bem como uma ou outra área remexida superficialmente; em suma, danos causados pela curiosidade dos visitantes. Várias pessoas chegaram a remover objectos em pedra que se encontravam à superfície, tal como o pequeno machado votivo, polido, que nos mostrou o chefe dos correios, e a dúzia de artefactos maiores que Manuel Pereira tinha arrecadados num alguidar em sua casa.

Após uma sessão de consciencialização ao povo aglomerado à entrada da gruta, conseguiu-se impedir que esta fosse franqueada por alguém enquanto não se escavasse e estudasse o seu recheio arqueológico.

Poucos dias depois da nossa visita ao Lugar do Canto, ficou resolvido, tratando-se de um caso de urgência, que os Serviços Geológicos se ocupariam das escavações, as quais seriam realizadas por G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira, M. Leitão, C. T. North e J. Norton, equipa que trabalha normalmente em arqueologia sob a responsabilidade daqueles Serviços.

2. Características da Gruta

A gruta apresenta uma galeria principal (a que chamamos 'galeria superior') orientada no sentido oeste-leste e com forte inclinação nesta mesma direcção, com cerca de 35 metros de comprimento total. Nos 9 primeiros metros, a galeria tem a forma de um túnel de secção oval, com paredes regularizadas pela passagem de águas em pressão. Os metros a seguir, com mais largura, permitem andar de pé. Em compensação, a porção terminal, com 10 metros de comprimento e reduzida na sua parte média a cerca de 45 cm de altura e 0,50, a 1,00 m de largo, obriga a rastejar por debaixo das saliências do tecto que, neste ponto, chegam quase até ao chão. Esta galeria superior contém bastante terra na sua porção inicial, mas tem o chão calcário a aflorar na parte central onde se pode andar de pé. O fim da galeria é cheio de terra transportada pelas águas, a partir das zonas mais elevadas da gruta.

Um desvio para sul, com argila cinzenta vinda da superfície e com uma área onde a rocha é coberta de cristais de calcite, leva até um poço na 'galeria inferior'. Esta última sobe para oeste, apresentando vários degraus naturais. O chão e as paredes são revestidos por uma camada estalagmítica e, no tecto, existem estalactites donde pinga a água para formar estalagmites, algumas já importantes. A extremidade oeste desta galeria comunica, junto do tecto, com o nível superior, e devem existir mais fendas de intercomunicação que não conseguimos localizar com precisão. O terço médio desta secção apresenta uma pequena galeria sobreposta, com várias fendas a ligá-la

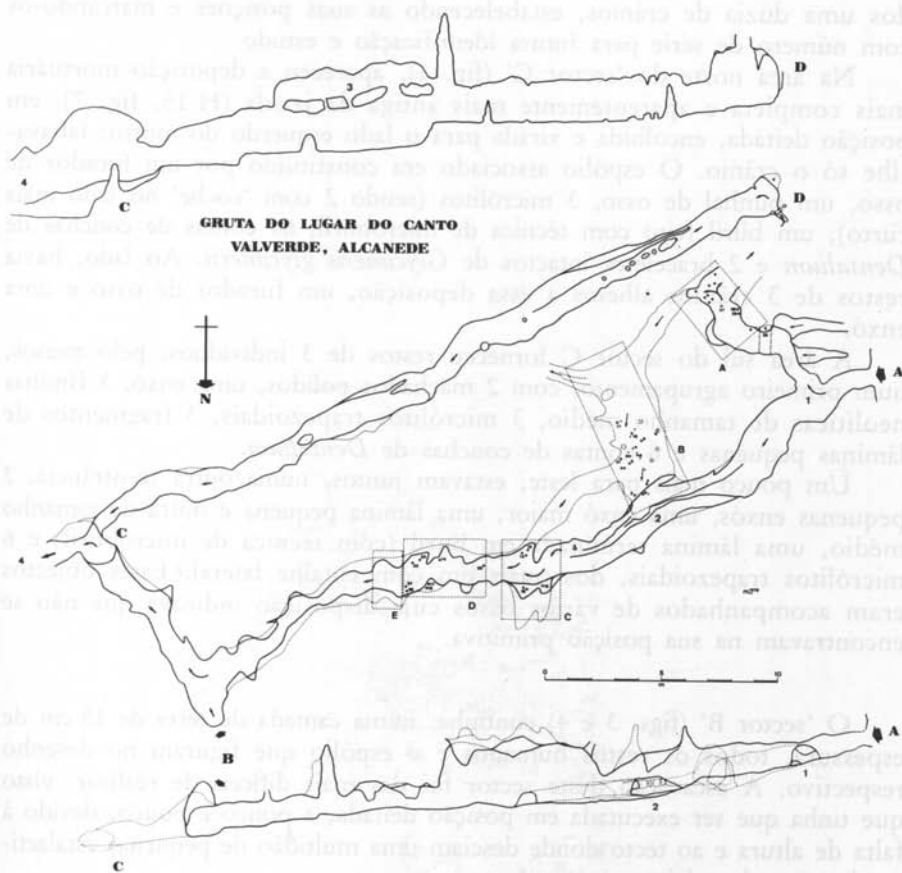


Fig. 1 — A Gruta do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). Levantamento topográfico geral, em planta e perfil. As áreas assinaladas a tracejado indicam os diferentes sectores em que, para efeitos de escavação, foi dividida a gruta.

à passagem inferior. Para leste do poço, esta galeria inferior continua numa distância ainda maior, baixando e estreitando progressivamente até impedir a passagem do corpo humano.

A galeria superior tem, junto da entrada, um ramo lateral (A) formando um cotovelo e ligando na sua parte terminal, cheia de terra, com o topo da galeria inferior. Na parte mais ampla da galeria superior, existe um divertículo que se prolonga para sul e que estava cheio de restos humanos.

3. Escavações realizadas

No início das escavações, em 11 de Outubro de 1975, começou-se por levantar a planta da gruta. Simultaneamente, para evitar futuros estragos devidos a incursões clandestinas da rapaziada das vizinhanças, foram retira-

dos uma dúzia de crânios, estabelecendo as suas posições e marcando-os com número de série para futura identificação e estudo.

Na área norte do 'sector C' (fig. 1), apareceu a deposição mortuária mais completa e aparentemente mais antiga da jazida (H 15, fig. 7), em posição deitada, encolhida e virada para o lado esquerdo do morto; faltava-lhe só o crânio. O espólio associado era constituído por um furador de osso, um punhal de osso, 3 micrólitos (sendo 2 com 'coche' no lado mais curto), um buril feito com técnica de microburil, 64 contas de conchas de *Dentalium* e 2 braceletes intactos de *Glycimeris glycimeris*. Ao lado, havia restos de 3 crânios alheios a essa deposição, um furador de osso e uma enxó.

A área sul do sector C forneceu restos de 3 indivíduos, pelo menos, num primeiro agrupamento, com 2 machados polidos, uma enxó, 3 lâminas neolíticas de tamanho médio, 3 micrólitos trapezoidais, 3 fragmentos de lâminas pequenas e 6 contas de conchas de *Dentalium*.

Um pouco mais para leste, estavam juntos, numa outra reentrância, 2 pequenas enxós, uma enxó maior, uma lâmina pequena e outra de tamanho médio, uma lâmina terminada em buril (com técnica de microburil) e 6 micrólitos trapezoidais, dos quais um com entalhe lateral. Estes objectos eram acompanhados de vários ossos cuja disposição indicava que não se encontravam na sua posição primitiva.

O 'sector B' (figs. 3 e 4) continha, numa camada de terra de 15 cm de espessura, todos os restos humanos e o espólio que figuram no desenho respectivo. A escavação deste sector foi das mais difíceis de realizar, visto que tinha que ser executada em posição deitada, a pouco e pouco, devido à falta de altura e ao tecto donde desciam uma multidão de pequenas estalactites brancas de calcite.

O 'sector A' (fig. 2) continha a camada mais espessa de terra de toda a gruta. A estreiteza da passagem e as dificuldades que se apresentavam para a circulação nos dois sentidos obrigaram-nos a adoptar o método do 'back-fill'. Fez-se uma primeira trincheira de sondagem perto do sítio onde o chão era constituído pela rocha calcária e, à medida que se ia avançando, deitava-se a terra para trás, impedindo o seu escorregamento pela construção de pequenos muros de retenção, com as pedras que apareciam ao longo deste trabalho. Os achados figuram no desenho de detalhe do sector. A remoção da terra pôs em evidência a existência de várias fissuras ligando os 3 sectores, nomeadamente uma comunicação entre o sector A e o fundo do 'sector B', na direcção da galeria inferior, e uma outra, maior, perto do início do sector B, por onde tinha escorregado o material para o lado sul do sector C.

As áreas D e E (fig. 1) foram escavadas da mesma maneira que o sector A, mas sem necessidade de muros transversais de retenção, tendo-se recorrido antes às reentrâncias laterais da galeria.



Fig. 2 — Planta do espólio (restos antropológicos e artefactos) encontrados no sector A. Os quadrados a tracejado têm 1 m de lado.

SECTOR A

B — bacia; C — cúbito; E — bigorna; F — fémur; H — húmero; M — micrólito; P — perónio; R — rádio; T — tibia; X — maxilar inferior; BL — lâmina; ST — machado de pedra; FL — lasca; BORER — furador.

Números maiores = indivíduos

Números pequenos = níveis

Quadrícula = 1 m x 1 m

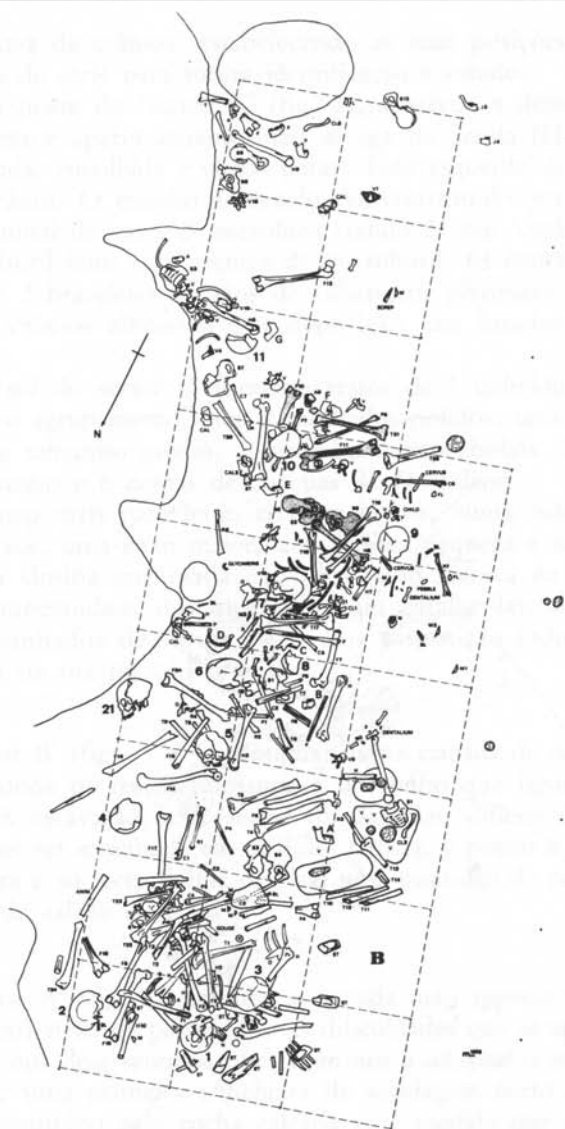


Fig. 3 — Planta do espólio (restos antropológicos e artefactos) encontrados no sector B. Os quadrados a tracejado têm 1 m de lado.

SECTOR B

A — astragalo; B — bacia; C — cúbito; F — fémur; H — humero; J — maxilar inferior; M — micrólito; N — núcleo de lâminas; O — omoplata; P — perónio; R — rádio; S — sacro; T — tibia; V — vértebra; X — maxilar inferior; BL — lâmina; CL — clavícula; FL — lasca; ST — machado de pedra; CAL — calcâneo; ROT — rótula; ANIM — osso de animal; em letra tipo médio A, B, C, D, E, F, G, série de mandíbulas.

Números maiores = indivíduos

Números pequenos = níveis

CERVUS — cervus; CHILD — criança; DENTALIUM — Dentalium; GLYCIMERIS — Glycimeris; GOUGE — goiva; PEBBLE — seixo rolado.

4. CATÁLOGO (figs. 12, 13 e 14)

A lista de artefactos que se segue é estabelecida, na medida do possível, por cada deposição ritual de um cadáver, indicado pela letra H¹.

H-1 (fig. 5)

- 1 enxó de xisto anfibólico polido (n.º 5)
- 1 núcleo de sílex negro (n.º 4)

H-1A

- 1 machado comprido, de secção rectangular, de anfibolito polido (n.º 1)
- 1 machado de anfibolito polido (n.º 3)
- 1 enxó de xisto anfibólico polido (n.º 2)

H-2

- 1 machado de rocha podre (dolerito ?)
- 1 micrólito de sílex (n.º 6)

H-3 (fig. 6)

- 2 machados de anfibolito polido (n.os 7, 10)
- 1 enxó de xisto anfibólico polido (n.º 9)
- 1 goiva de xisto anfibólico polido (n.º 8)
- 1 lâmina de sílex (n.º 11)
- 4 micrólitos de sílex (n.os 13, 14, 15, 17)
- 1 núcleo de cristal de rocha (n.º 12)
- 1 núcleo de sílex negro (n.º 16)

H-A

- 1 conta discoidal de xisto (n.º 18)
- 2 contas de concha de *Dentalium* (n.º 19)
- 1 núcleo de sílex (n.º 20)
- 1 furador de osso (n.º 21)
- 1 micrólito de sílex (n.º 22)

H-7

- 1 bracelete de *Glycimeris glycimeris*, quase completo (n.º 23)

H-9

- 1 lâmina de sílex de tamanho médio (n.º 24)
- 3 micrólitos de sílex (n.os 25, 27, 30)
- 3 contas de concha de *Dentalium* (n.º 26)
- 1 fragmento de lâmina de sílex (n.º 28)
- 1 lasca de sílex (n.º 29)
- 1 pequena pedra branca rolada, oval (n.º 31)

¹ Os números entre parêntesis referem-se ao número de inventário das peças, sendo também essa a referência utilizada em toda a documentação gráfica que acompanha o texto, designadamente os desenhos da totalidade do espólio, patentes nas figs. 12, 13, 14.

H-10

- 2 micrólitos de sílex (n.ºs 32, 33)
- 1 lâmina de sílex (n.º 34)
- 4 contas de concha de *Dentalium* (n.º 35)
- 1 lasca de sílex (n.º 36)
- 1 pisolito negro

H-10A

- 1 lasca de sílex (n.º 37)

H-12, H-13

- 1 machado de anfibólito polido (n.º 38)
- 1 lâmina de sílex (n.º 39)
- 3 micrólitos de sílex (n.ºs 40, 41, 42)
- 3 pequenas lâminas de sílex (n.ºs 43, 44, 45)
- 6 contas de concha de *Dentalium* (n.º 46)

H-13A

metidos no estalagmito:

- 1 machado de anfibólito polido
- 1 enxó de xisto anfibólico polido
- 2 lâminas de sílex

H-14

- 2 machados de anfibólito polido (n.ºs 48, 49)
- 2 enxós de xisto anfibólico polido (n.ºs 47, 50)
- 1 lâmina de sílex de tamanho médio (n.º 57)
- 1 pequena lâmina de sílex (n.º 58)
- 1 buril de sílex (n.º 59)
- 5 micrólitos de sílex (n.ºs 51, 52, 53, 54, 55)
- 1 micrólito de sílex com 'coche' lateral (n.º 56)

H-15 (fig. 7)

- 1 lâmina de sílex (n.º 60)
- 1 furador de osso (n.º 68)
- 1 punhal de osso (n.º 69)
- 2 micrólitos de sílex com 'coche' lateral (n.ºs 61, 62)
- 1 buril de sílex (técnica de microburil de MUGE) (n.º 65)
- 2 braceletes completos de concha de *Glycimeris glycimeris* (n.ºs 63, 64)
- 64 contas de concha de *Dentalium*

H-16

restos de 3 esqueletos misturados,

alguns ossos de criança muito jovem:

- 1 machado ou enxó (?) muito pouco típico (n.º 66)
- 1 furador de osso (*Ovis* ou *Capra*) (n.º 67)

H-19

- 1 machado de anfibólito polido (n.º 72)
- 2 enxós de xisto anfibólico polido (n.ºs 77, 78)
- 3 micrólitos de sílex (n.ºs 73, 74, 75)
- 3 lâminas de sílex (n.ºs 70, 71, 76)
- 1 fragmento (superfície lateral) de defesa de javali (*Sus scrofa*)

H-20

- 1 enxó de xisto anfibólico polido (n.º 79)
- 2 micrólitos de sílex (n.ºs 80, 81)
- 1 micrólito de sílex com 'coche' lateral (n.º 82)

H-22, H-23

- 1 machado de anfibólito polido (n.º 83)
- 2 enxós de xisto anfibólico polido (n.ºs 84, 85)
- 4 micrólitos de sílex (n.ºs 96, 97, 98, 99)
- 3 pequenas lâminas de sílex (n.ºs 89, 90, 91)
- 1 furador de osso (n.º 94)
- 1 fragmento de bracelete de *Glycimeris glycimeris* (n.º 95)
- 2 núcleos de sílex (n.ºs 86, 87)
- 1 lasca de sílex
- 1 pequeno fragmento de quartzo
- 1 esquirola de quartzo
- 1 dente de *Cervus* (n.º 88)

H-25

- 1 enxó de xisto anfibólico polido (corroído) (n.º 109)
- 1 fragmento de instrumento de osso (n.º 92)
- 2 furadores de osso (*Ovis* ou *Capra*) (n.ºs 93, 106)

H-26

- 1 lâmina de sílex de tamanho médio (n.º 105)

H-27

- 1 lâmina de sílex de tamanho médio (n.º 107)
- 1 micrólito de sílex (n.º 110)
- 1 machado de anfibólito polido (n.º 111)
- 1 bigorna de pedra (n.º 112)

H-28, H-29

- 2 enxós de xisto anfibolítico polido (n.ºs 101, 102)
- 1 lâmina de sílex (n.º 103)
- 1 micrólito de sílex (n.º 104)

H-30

- 1 machado de anfibólito partido em dois (n.º 100)
- 1 fragmento de machado de anfibólito (n.º 113)

H-32

1 micrólito de sílex (n.º 116)

H-36

1 furador de osso (n.º 108)

H-37

1 machado de anfíbolito polido (n.º 115)

Corredor

1 machado de anfíbolito polido (n.º 114)

A terminar esta lista de material, teremos de mencionar ainda cerca de uma dúzia de machados e enxós retirados pelos populares e de que não sabemos a posição exacta na estação sepulcral. Embora não os reproduzamos fotograficamente neste trabalho, não podemos deixar de os mencionar como elemento estatístico do espólio da mesma jazida.

5. Algumas considerações sobre o espólio recolhido

De todo o material recolhido na gruta do Lugar do Canto, ressaltam, pela sua raridade e importância, os braceletes feitos de concha de *Glycimeris glycimeris* (fig. 8, n.ºs 63, 64; fig. 9; fig. 12, n.º 23; fig. 13, n.ºs 63, 64; fig. 14, n.º 95) não só pela sua técnica extraordinária, como também por ser um elemento muito activo do ponto de vista cronológico. Em Portugal, este tipo de adorno é raro e os braceletes aparecem, quase sempre, incompletos. Foram encontrados na Lapa da Madeira (Serra de Aire)², no monumento do Alto da Fêiteira (Pombal)³, nas grutas da Senhora da Luz (Rio Maior)⁴, na Lapa da Bugalheira (Torres Novas)⁵, na gruta dos Mosqueiros (Alcobaça)⁶ e na gruta dos Carrascos (Montejunto)⁷. No estrangeiro, são mais abundantes, sobretudo na cultura neolítica das sepulturas

² FERREIRA, O. da V. — *Notícia de algumas estações pré-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos*. "Boletim da Junta Distrital de Lisboa", Lisboa, 59-60, 1963.

³ CASTRO, L. de A., FERREIRA, O. da V. — *O monumento pré-histórico do Alto da Fêiteira (Pombal)*. "Caesaraugusta", Zaragoza, 33-34, 1969-70.

⁴ Trabalho em curso.

⁵ PAÇO, A. do, et al. — *Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas)*. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", Lisboa, LV, 1971.

⁶ NATIVIDADE, M. V. — *Grutas de Alcobaça*. "Portugália", Porto, I (3), 1899-1903.

⁷ Coleção inédita, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Belém.

de fossa⁸ e nas tumbas das regiões de Almeria e de Granada. Em Almeria, apareceram em Loma de Pas, Loma da Atalaya, Loma de las Eras, Palacés, Velez Blanco, Loma de Almanzorra, etc.; em Granada, no Rio Gor, em la Sabina, Alicim, etc.⁹.

Os artefactos de *Glycimeris* são, pois, raros. Em Portugal, existe um outro adorno de uma raridade extrema, feito de *Glycimeris*: trata-se das contas ovais da Lapa do Suão¹⁰.

Em relação aos braceletes do Lugar do Canto e tratando-se de uma concha marinha, é de notar a distância a que o mar se encontra da Serra de Valverde, o que indica claramente um intercâmbio entre os habitantes da região da gruta, na época, e os povos do litoral marinho.

De grande interesse também são as abundantes conchas de *Dentalium* (v. por exemplo, fig. 8), segmentadas para servirem de contas de colar e bracelete. Tal como as conchas de *Glycimeris*, são conchas que vivem no mar; não deixa de ser curiosa a ausência de outras variedades como as *nassas*, *neritinas* e *Cypraea*, tão abundantes nas estações portuguesas com forte arcaísmo, por exemplo na Lapa do Bugio¹¹ onde se encontraram colares completos de *Neritina fluviatilis*.

Outro elemento interessante que confere uma grande antiguidade ao espólio: são os micrólitos geométricos tipo Muge (tardenoisense)¹² e tipo Monchique (com 'coche')¹³ (v., por exemplo, fig. 8, n.ºs 61 e 62; fig. 11, n.º 82), sendo estes muito mais raros que os anteriores. Os microburis tipo Muge são igualmente elucidativos. Do restante material pouco há a dizer, pois são vulgares nas estações desta época os machados, enxós e lâminas de sílex.

Para finalizar estas considerações sobre o espólio, há ainda que mencionar os furadores de ossos feitos em metade de metatarsianos ou metacarpianos de ovídeos ou caprídeos, que são aparentados aos que foram encontrados nas sepulturas de fossa da Catalunha¹⁴.

⁸ MUÑOZ AMILIBIA, A. M. — *La cultura neolítica catalana de los sepulcros de fosa*. Barcelona, 1965.

⁹ LEISNER, G.; LEISNER, V. — *Die megalithgraber der Iberischen Halbinsel*. Berlin, Walter de Gruyter, 1943.

¹⁰ MONTEIRO, J. de A.; FERREIRA, O. da V. — *O colar de conchas de Glycimeris da Lapa do Suão (Bombarral)*. "Revista de Guimarães", Guimarães, LXXVIII (1-2), 1968.

¹¹ MONTEIRO, R. et al. — *Nota preliminar sobre a Lapa pré-histórica do Bugio (Azóia, Sesimbra)*, in "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia", Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1971.

¹² ROCHE, J.; FERREIRA, O. da V. — *Les fouilles récentes dans les amas coquilliers mésolithiques de Muge (1952-1965)*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, vol. 1, série III, 1967.

¹³ FORMOSINHO, J., et al. — *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*, Porto, 1953.

¹⁴ MUÑOZ AMILIBIA, A. M. — *Dos nuevas fechas de C-14 para sepulcros de fosa*. "Pyrenae", Barcelona, 7, 1971.

O material ósseo humano é importante. O seu estudo foi confiado ao nosso amigo Scott L. Rolston, especialista em antropologia física (Department of Anthropology, National Museum of Natural History, Smithsonian Institution, Washington, D.C.; American Center of Oriental Research, Amman, Jordan; Yarmouk University, Yarmouk, Jordan). Veio a Portugal, de propósito, várias vezes entre 1979 e 1984, para fazer um estudo comparativo dos restos humanos do Lugar do Canto, Casa da Moura e concheiros de Muge. Resumimos a seguir o volumoso trabalho de Scott Rolston, sem abreviar de mais as considerações que suscitou, visto que o espólio antropológico nos traz, em associação com os artefactos depositados com os mortos, muitos ensinamentos sobre a vida dos homens que viviam na área do Lugar do Canto.

1) Paleodemografia

a) Número de indivíduos sepultados e seu sexo.

A identificação e contagem dos crânios, maxilares, húmeros, rádios, ossos ilíacos, fêmures e tíbias permitem estabelecer o número máximo de 48 indivíduos sepultados no Lugar do Canto, e colocá-los em dois grupos de: 14 homens (29%) e 19 mulheres (39,5%). Há mais mulheres do que homens nesta gruta, i.e. o contrário do que se observa em Muge.

b) Idade.

O grau de encerramento das suturas do crânio, que constitui um dos índices da idade, indica uma longevidade de 20-35 anos para ambos os sexos; 64% dos indivíduos pertencem a este grupo etário. Há só um crânio de um homem com mais de 50 anos de idade, e um de uma criança com menos de 10. Os húmeros indicam todavia a presença de 11 crianças, os cúbitos de 5 crianças e 1 bebé, os ossos ilíacos de 5 bebés, e os fêmures de 6 crianças e 1 bebé. Os maxilares e dentes indicam uma idade de 27-40 anos para os homens e de 17-30 anos para as mulheres. Esta população é assim mais nova que a de Muge.

c) Altura

Pelos índices dos húmeros, os homens têm 1,63 m e as mulheres 1,52 m. Os rádios fornecem valores de 1,59 m para os homens e 1,55 m para as mulheres; os cúbitos 1,68 m no sexo masculino e 1,569 m no sexo feminino; os fêmures 1,65 m e 1,60 m respectivamente; e as tíbias 1,672 m e 1,52 m. Em altura, a população do Lugar do Canto se coloca entre a de Muge (mais alta) e a da Casa da Moura (menos alta).

2) Morfologia

a) Os crânios dos homens são dolicocefálicos (índice craniano de 71-76, média de 73), e os das mulheres são, ou meso-, ou braquicefálicos (índice de 75-85, média de 78); as maiores variações dos índices do módulo craniano encontram-se nas mulheres. A interpretação dessas constatações será considerada nas *Conclusões* deste estudo.

b) As mandíbulas são extremamente robustas e existe um grande desgaste dos dentes.

c) Os húmeros têm um índice de robusticidade idêntico nos dois sexos e o buraco supracondilar existe em 40 indivíduos (6%).

d) Os rádios apresentam sinais de grande desenvolvimento dos músculos do antebraço.

e) Os fêmures são robustos e mostram um desenvolvimento dos músculos adutores, mais pronunciado no caso da Casa da Moura e menor no Lugar do Canto.

f) As tíbias reflectem o 'stress' imposto pela topografia da região de Rio Maior. Na Casa da Moura há um aumento do índice de torção, mais próprio das subidas e da marcha; no Lugar do Canto o arqueamento das tíbias em 8 homens e 5 mulheres é mais indicativo de frequentes corridas. Estas proporções são invertidas nas 2 jazidas consideradas. Existem facetas nas tíbias que mostram que os indivíduos adoptavam frequentemente a posição de cócoras: 44% no Lugar do Canto e 26% na Casa da Moura.

g) Há um certo grau de dimorfismo sexual nos crânios e nos húmeros, mas é pouco pronunciado. As variações dos sinais de afinidade genética (orbital, nasal, palpebral, parietal, lambdóide, occipital e mastoidal) são maiores no sexo feminino.

h) Existem 'marcas de corte' ('cut-marks') em 12,7% dos 415 fragmentos ósseos examinados, caracterizando a remoção de tecidos residuais ainda aderentes aos ossos depois da decomposição das partes moles; e também sinais de ocre ou outra matéria corante em 23,3% dos ossos. Nos crânios, as localizações do corante são as regiões frontal, parietal e malar; nos ossos longos, encontra-se sobretudo nas diáfises.

i) Faltam, na gruta do Lugar do Canto, muitos dos ossos mais pequenos, das mãos e dos pés.

3) Patologia

a) Os crânios apresentam um índice surpreendentemente elevado de traumatismos e infecções. Há sinais de fracturas e infecções em 24 dos 42 crânios estudados, e foram detectadas infecções inespecíficas em 14 indivíduos (33,3%), com cicatrização antes da morte, na maioria dos casos. Existem sinais de traumatismo e fractura em 4 homens e 1 mulher.

— Um dos homens, com 25-30 anos de idade, apresenta várias lesões endocranianas com regeneração mínima da tábua interna e propagação do processo patológico através do osso, para a tábua externa; este indivíduo tem também uma lesão endocraniana cicatrizada, perto da sutura sagital.

— Outro homem, com 35-45 anos de idade, apresenta lesões exocranianas no parietal esquerdo, com várias cicatrizações e com sinais de inflamação da artéria meníngea média, assim como uma grande lesão da crista sagital que reduz a altura do crânio em cerca de 10 mm; existe também uma grande lesão oval na parte superior do parietal direito, aparentemente activa quando o doente morreu.

— Um dos homens exhibe sinais de uma infecção endocraniana do parietal direito e lesões exocranianas correspondentes, sem vestígios de cicatrização.

— Há lesões exocranianas em várias mulheres, devidas possivelmente a traumatismos que provocaram fracturas infectadas, e outras mulheres têm lesões endocranianas com espessamento do osso; um dos casos possui também duas lesões exocranianas.

b) Há 4 trepanações (9,5%), por raspagem num homem com 30-40 anos de idade, e possivelmente por furação e raspagem num homem com 35-45 anos de idade que morreu antes da cicatrização; este indivíduo tem sinais de uma trepanação mais antiga, cicatrizada, no parietal direito.

Um terceiro homem, com 45-55 anos de idade, apresenta um grande orifício (26 mm de diâmetro) no temporal esquerdo, com fissuras radiais; esta lesão foi a causa da morte. Um outro adulto de sexo indeterminado tem sinais de corte e remoção de uma porção da caveira; morreu da intervenção.

c) Nos ossos longos, há periostite indicativa de infecção nos húmeros de 12 indivíduos, em 2 dos quais o processo patológico era grave e activo no momento da morte. Vários rádios e cúbitos apresentam também sinais de periostite.

— Dois húmeros têm fracturas totais não reduzidas, com consolidação viciosa. Num indivíduo com fractura dos dois ossos do antebraço, a consolidação viciosa fez-se em pronação; existe uma ponte óssea entre os dois ossos, por derrame do sangue ao longo da aponevrose interóssea.

— Há, num cúbito, sinais de fractura consolidada com calo ainda presente no momento da morte.

d) 37 clavículas foram fracturadas. Duas cicatrizaram com bom alinhamento.

e) Uma rótula apresenta uma destruição óssea em ambas as faces, anterior e posterior, sugerindo um traumatismo penetrante que provocou uma infecção crónica e artrite grave; existe alguma regeneração óssea anterior, mas não posterior. As rótulas têm um elevado índice de formações osteofíticas na face anterior, de causa provavelmente traumática.

f) Um calcâneo tem sinais de infecção do lado externo, devida provavelmente a um traumatismo penetrante.

g) Uma vértebra apresenta um esmagamento por compressão.

h) Os habitantes do Lugar do Canto sofriam de artrite: 2 húmeros, 5

rótulas, 11 calcânhares e vários ossos dos pés apresentam rarefacção artrítica. Há um caso de artrite da articulação temporo-mandibular.

i) A incidência de espondilose avançada da coluna vertebral é inferior a 4% da população da jazida.

j) Todos os habitantes do Lugar do Canto têm os seus dentes em muito mau estado, com grande desgaste, oclusão imperfeita e cárie dentária. Há abscessos em 3 indivíduos, e um deles apresenta 3 abscessos e 10 cáries dentárias. A reabsorção óssea existe em 66% dos casos.

k) Os tumores são raros. Só um crânio possui um tumor, um osteoma em botão no parietal esquerdo de um indivíduo do sexo masculino, com 20-25 anos de idade, sem manifestações endocranianas. Existe outro tumor, possivelmente um condroma, numa tibia; foi submetido à apreciação da Associação Americana de Paleopatologia.

l) A hiperostose porótica, que consiste numa rarefacção da tábua interna do crânio, com espessamento do espaço diplóico, mostra que existia paludismo na população do Lugar do Canto, mas que não era tão frequente como em Muge. Um total de 6 indivíduos (4 homens e 2 mulheres), ou seja 14,2% da população da gruta, tinha um aumento de mais de 3 mm na média da espessura dos parietais.

6. Conclusões

Na nossa opinião, a gruta do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede) é interessante e até importante, por várias razões:

1) trata-se de uma gruta funerária, não violada e consequentemente sem introdução de objectos estranhos à cultura dos homens que a utilizaram;

2) parte do espólio pertence ao início do Neolítico IIa de Portugal, período que não nos tem fornecido muitas jazidas;

3) não existe cerâmica nesta gruta, com excepção de 2 pequenos cacos de cerâmica lisa, não característica, encontrados na entrada;

4) o espólio antropológico é valioso e fornece-nos informações preciosas sobre as práticas funerárias dos homens do período em questão, a sua constituição física, longevidade, modo de vida e doenças, visto que existem alterações morfológicas nos ossos encontrados, que revelam estados patológicos.

Estamos provavelmente num período de transição entre as actividades predominantemente de caça e recollecção, e o início de uma economia que depende da produção intencional de alimentos pelo homem, período em que a deficiência proteínica e a agricultura ainda muito primitiva e limitada produziram alterações do crescimento e estado de nutrição, que se reflectem na morfologia anatómica: desgaste dos dentes, cáries dentárias, platycnemia das tibias, alteração do índice de profundidade pélvica e ligeira diminuição da altura do corpo, que o Dr. J. Lawrence Angel, do Smithsonian Institution,

considera sintomáticos do abandono da dieta fortemente proteínica, a favor dos hidratos de carbono obtidos pela cultura de cereais.

O rio Tejo divide Portugal geograficamente e do ponto de vista do ambiente, provavelmente com uma divisão cultural, também, nos tempos pré-históricos. O delta e a planície costeira são mais húmidos e possuem condições adequadas para a agricultura, enquanto os montes dos terrenos acidentados do Jurássico e Cretácico, mais saudáveis, são mais propícios à criação de ovídeos e caprídeos, mas não de bovinos em grande número.

O número mais elevado de mulheres no Lugar do Canto e a sua idade ligeiramente inferior mostram que elas morriam mais cedo que os homens naquele local. Acontece o contrário em Muge, onde a dieta com mais proteínas, cálcio e ferro nos moluscos representa um factor importante durante a gravidez. O tipo craniano das mulheres pode ser o resultado de uma diferença da nutrição entre os sexos, na infância.

Os habitantes do Lugar do Canto são menos altos que os de Muge e mais altos que os da Casa da Moura. Têm menos altura, também, que as populações modernas e os povos dos períodos históricos e pré-históricos com melhor alimentação (caçadores). Os valores fornecidos pelos húmeros do Lugar do Canto aproximam-se mais dos mesolíticos do Médio Oriente do que dos homens do Neolítico Antigo daquela região. As mandíbulas, muito robustas, são comparáveis só com as de Çatal Huyük. Os fémures são parecidos com os das populações do Neolítico Antigo da Europa e Sudoeste Asiático. Se o Lugar do Canto possuía animais, estas características poderiam ser o resultado de uma alimentação melhorada.

O desenvolvimento do humero e da musculatura do antebraço, assim como a presença do buraco supracondilar numa boa proporção da população do Lugar do Canto, mostram que ambos os sexos se serviam bastante dos braços em actividades que requerem uma força apreciável; o índice de robusticidade idêntico nos homens e nas mulheres sugere ocupações semelhantes ou exigindo a aplicação do mesmo grau de esforço físico.

Os índices de torção e de arqueamento da tibia fornecem indicações sobre o 'stress' do ambiente, a favor de subidas e da marcha na Casa da Moura, e de corridas no Lugar do Canto. A topografia local é favorável à ocorrência frequente de traumatismos e quedas que resultavam em infecções, entorses, luxações e fracturas. Tudo isso sugere uma vida activa, provavelmente semipastoral, que pode explicar também, em parte, a presença das artrites. A robusticidade das mandíbulas e o desgaste dos dentes podem indicar o amaciamento de peles por mastigação, como no caso dos esquimós dos nossos dias, sem esquecer, todavia, a influência da dieta e a possível existência de geofagia ritual. Os habitantes do Lugar do Canto passavam grande parte do seu tempo de cócoras.

A variação dos índices das afinidades genéticas, maior nas mulheres do que nos homens, mostra que a população de base é a masculina e que as mulheres eram introduzidas neste núcleo a partir de grupos sociais das vizinhanças.

Havia, no Lugar do Canto, alguns conhecimentos de traumatologia,

visto que 2 das fracturas da clavícula foram reduzidas e imobilizadas, e que o caso de fractura dos dois ossos do antebraço podia ter sido tratado, com resultados medíocres. Existe também a capacidade demonstrada para fazer trepanações, a favor da existência de uma medicina rudimentar.

Havia paludismo no Lugar do Canto, mas menos que em Muge. Os tumores ósseos não eram suficientemente numerosos ou desenvolvidos para criarem problemas.

Finalmente, os habitantes dessa localidade praticavam deposições secundárias, o que está mais de acordo com populações pastorais ou nómadas, ao contrário dos homens de Muge que enterravam os seus mortos com os corpos normalmente articulados.

A ausência de cerâmica foi notada quase desde o início dos nossos trabalhos. Este pormenor é significativo porque nos encontramos num período em que o Mesolítico final costeiro (concheiros de Muge) está a terminar¹⁵, mas sobrepõe-se ao Cardial decadente (cerca de 4000 a.C.) e ainda à primeira cerâmica do Neolítico médio português, constituída pela cerâmica com ornamentação em falsa folha de acácia¹⁶ e pela cerâmica lisa sem carenas, com engobe vermelho (cerca de 3800 a.C., que é a data da Anta Grande do Poço da Gateira, ou cerca de 3600 a.C., data da Anta 2 dos Gorginos, pertencendo ambos estes monumentos à região de Reguengos de Monsaraz)¹⁷. Isto parece mostrar que havia presumivelmente 3 culturas distintas a coexistir em 3600-3800: um *Mesolítico tardio*, um *Cardial evoluído* acompanhado por cerâmica incisa evoluindo para o inciso do Neolítico médio português (falsa folha de acácia, sulcos e chevrons incisos, decoração incisa em espinha de peixe, ondulações e pontilhado fino com técnica de pente, punções e incisões rombas, etc.) e *uma cultura mais afastada da costa e seguindo uma vida mais intimamente ligada com a agricultura*. A ausência de cerâmica significaria, ou ritual que não inclui a associação de vasos com o restante espólio (o que achamos pouco provável porque deveríamos então ter encontrado alguma cerâmica introduzida acidentalmente pelos homens que depositavam os seus mortos na gruta, se estes de facto conheciam a cerâmica), ou então a ignorância das técnicas ligadas com a produção da cerâmica, num grupo isolado que ainda usava contentores de cairo ou de cestaria revestida de argila.

¹⁵ FERREIRA, O. da V. — *Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge (Portugal)*. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", Lisboa, LVIII, 1974.

¹⁶ FERREIRA, O. da V. — *Acerca dos vasos globulares com asas perfuradas e ornamentação em falsa folha de acácia*, in "Actas das I Jornadas Arqueológicas", Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970.

¹⁷ WHITTLE, E. H. — *Dating of pottery from Neolithic/Chalcolithic sites in Portugal*, in "Oxford Symposium on Archaeometry and Archaeological Prospection", 1973.

Chama-se a atenção, em especial, para o espólio muito arcaico, parecido de certo modo com o encontrado na cultura neolítica catalã das sepulturas em fossa¹⁸, mas pertencendo no nosso caso possivelmente a um período ligeiramente anterior, com alguns elementos do período seguinte, tais como os machados e enxós maiores, ainda rudimentares, e algumas contas discoi-dais do Neolítico IIa. No 'sector B', notámos efectivamente que as deposi-ções mais próximas da galeria superior tinham um espólio um pouco mais evoluído que o do lado norte do 'sector C', mas sem pontas de seta retoca-das, foices ovais, nem contas verdes ou de azeviche. Tudo isto nos leva à conclusão de que não existia, de facto, cerâmica na cultura que nos ocupa.

Os resultados dos nossos trabalhos mais recentes, em Sagres¹⁹, na gruta do Correio Mor (Loures)²⁰ e finalmente na gruta do Lugar do Canto (Valverde, Alcanede) permitem estabelecer agora um panorama mais vasto e algo diferente do Neolítico português conhecido anteriormente. Actual-mente, podemos colocar paralelamente ao Mesolítico final costeiro dos con-cheiros dos estuários do Tejo e do Sado (cujas datas obtidas pelo método do radiocarbono 14 vão de 5400/330 bC a 3200/300 bC, um Neolítico antigo ou Neolítico I que se divide em duas fases:

- *Neolítico Ia*, ocupando o período de c. 5500 bC a c. 4000 bC, com²¹:
 - cerâmica cardial,
 - cerâmica com ornamentação impressa de vários tipos,
 - cerâmica decorada por meio de cordões plásticos simples,
 - cerâmica decorada por meio de pequenos traços realizados com uma ponta ligeiramente romba;

Neolítico Ib, entre c. 4000 bC e c. 3400 bC, com:

- cerâmica cardial,
- cerâmica com ornamentação incisa,
- cerâmica apresentando motivos plásticos mais evoluídos,
- cerâmica cardial decadente.

Actualmente, podemos sobrepor, ao Neolítico Ib, o início do Neolítico médio, ou seja:

Neolítico IIa, que inclui o Megalítico I dos Leisner (c. 4000 bC a c. 3400 bC), brevemente influenciado por achegas vindas da cultura Almeriense do sudeste espanhol para formar o:

Neolítico IIb, englobando o Megalítico II dos Leisner (c. 3500 bC. a c. 3000 bC).

¹⁸ MUÑOZ AMILIBIA, *et al.* — *op. cit.* (v. nota 7).

¹⁹ ZBYSZEWSKI, G., *et al.* — *Nouvelles données sur le Néolithique Ancien de la station à céramique cardiale de Sagres (Algarve)*. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", Lisboa, LXVII (2), 1981.

²⁰ FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M. — *Portugal Pré-Histórico: seu enquadramento no Mediterrâneo*, 2.^a ed., Lisboa, Publicações Europa-América, 1985.

²¹ RIBEIRO, F. C.; FERREIRA, O. da V. — *Acerca dos vasos com janelas triangulares do Castro do Cerro Furado (Guadiana)*. "Revista de Guimarães", Guimarães, LXXXI (3-4), 1971.

O Mesolítico final costeiro pode-se considerar terminado em c. 3500 bC, visto que os níveis 3-6 do Cabeço da Amoreira, já neolíticos, com cerâmica apresentando um pontilhado grosso, têm uma data RC de 3200/300 bC²². O limite entre o Neolítico Ia e o Neolítico Ib pode ser situado em cerca de 4000 bC, atendendo às características do vaso de Cartaxo²³, relacionado com a cerâmica de St. Mitre III²⁴, Cueva de la Sarsa e Cariguela de Piñar, e às do vaso do Alto da Toupeira (Salemas)²⁵, que apresenta influências do sul de Espanha (Málaga) e do norte de África (Oran), assim como à data RC de 4370/350 bC obtida para o Neolítico antigo da gruta das Salemas²⁶. O fim do Neolítico Ib situa-se por volta dos 3400 bC.

As datas que existem para o Megalítico I dão-nos indicações sobre a duração do Neolítico IIa:

— Anta do Poço da Gateira: TL 4510/280 = 3800-3600 bC²⁷.

— Anta dos Gorginos 2: TL 4510/280 = 3600 bC.

Trata-se de uma época caracterizada pela cerâmica com sulcos e impressões, e falsa folha de acácia (ambos c. 4000 bC), por chevrons e espinhas incisais, ondulações horizontais e pontilhado fino (ambos a pente), por punções e incisões rombas, e pegas em túnel vertical (vaso da gruta da Furninha). Situam-se também neste período as cristas megalíticas de Palmeira 2, 6, 7 e 11, e de Buco Preto 2 e 6²⁸.

A data de 3500 bC marca o início do Neolítico IIb e o aparecimento das grutas artificiais (silos de Aljezur, grutas artificiais de Carenque, com data TL 3930/235 = 3300 bC para Carenque I), dos primeiros castros neolíticos e das sepulturas de cúpula no Algarve e no Alentejo do sul²⁹. A cultura megalítica indígena do Alentejo desenvolve-se, modificando-se sob a influência de novas achegas, para culminar nas grandes antas da região de Pavia, que representam uma nova fase, o Eneolítico, cujo início teve lugar em cerca de 3000 bC.

²² FERREIRA — *op. cit.* (v. nota 15).

²³ ID. — *A estação com cerâmica cardial da Ponta de Sagres (Algarve)*. "Arqueologia e História", Lisboa, 9.^a série, II, 1970.

²⁴ GUILAINE, J. — *Néolithique de la Méditerranée occidentale et chronologie absolue*, in "I Jornadas Arqueológicas", Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970.

²⁵ CASTRO, L. de A. e; FERREIRA, O. da V. — *Vaso de tipo neolítico do Alto da Toupeira*, in "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia", Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1958.

²⁶ ID. — *O nível neolítico da gruta das Salemas (Ponte de Lousa)*. "Arqueologia e História", Lisboa, 9.^a série, IV, 1972.

²⁷ WHITTLE — *op. cit.* (v. nota 17).

²⁸ FORMOSINHO, *et al.* — *op. cit.* (v. nota 13).

²⁹ LEISNER, G.; LEISNER, V. — *op. cit.*, — I — *Der Süden*. — I/1 — *Der Westen*, 1965, (v. nota 9).

As estações que contêm material importante que nos elucidam sobre os períodos que acabamos de enumerar são indicadas a seguir:

Mesolítico final costeiro

Concheiros de Muge: Moita do Sebastião,
Cabeço da Amoreira,
Cabeço da Arruda.

Neolítico Ia

Sagres (Algarve),
Vale Píncel I (Sines),
Forno da Cal (Figueira da Foz),
Junqueira (Figueira da Foz),
Várzea do Lírio (Figueira da Foz),
Lapa do Suão (Bombarral),
Cabeço da Ministra, Gruta III (Alcobaça).

Neolítico Ib

Sagres (Algarve),
Medo Tojeiro (Almograve),
Vale Vistoso (Porto Corvo),
Salema (Santiago do Cacém),
Fonte de Sesimbra (Sesimbra),
Forno da Cal (Figueira da Foz),
Junqueira (Figueira da Foz),
Várzea do Lírio (Figueira da Foz),
Cabeço da Ministra, Gruta III (Alcobaça),
Calatras Alta, Gruta IV (Alcobaça),
Gruta da Nascente do Rio Almonda,
Gruta do Correio Mor (Loures),
Gruta de Santiago do Escoural,
Gruta do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede).

Neolítico IIa

Anta do Poço da Gateira (Reguengos de Monsaraz),
Anta dos Gorginos 2 (Reguengos de Monsaraz),
Anta Grande do Olival da Pega,
Cistas de Palmeira 2, 6, 7, e 11,
Cistas de Buço Preto 2 e 6.

Neolítico IIb

Gruta artificial de Carenque I,
Grutas de S. Pedro do Estoril,
Grutas de Alapraia,
Monumento da Praia das Maças, câmara ocidental.

Em matéria de datação, as correlações entre os principais conjuntos podem ser apresentadas sob a forma do quadro que se inclui entre as páginas 64 e 65.

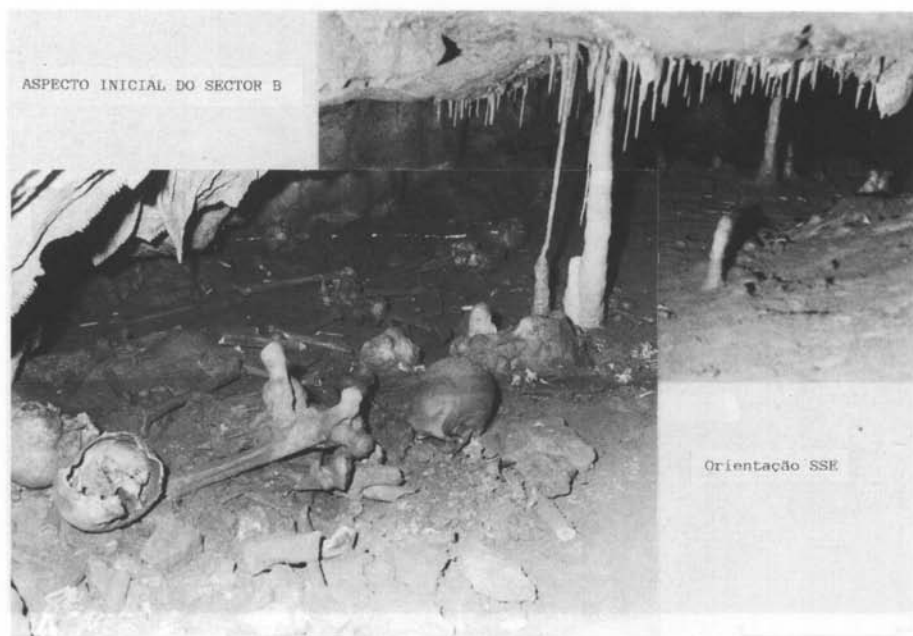


Fig. 4 — Aspecto geral do sector B, antes de iniciados os trabalhos de escavação (orientação SSE).



Fig. 5 — Achados junto do indivíduo H1. F: fémur.



Salazar (Santuário de Caxóm).



Fig. 6 — Achados junto do indivíduo H3. F: fémur, H: humero, A: astragalo. A régua que serve de escala tem 15 cm.

Fig. 7 — Aspectos do indivíduo mais completo, encontrado na gruta: H15 (sector C). H: humero, V: vértebra, O: omoplata, E: esterno, C: clavícula, CO: costela, S: sacro, R: rádio. As setas indicam as contas de *Dentalium*.

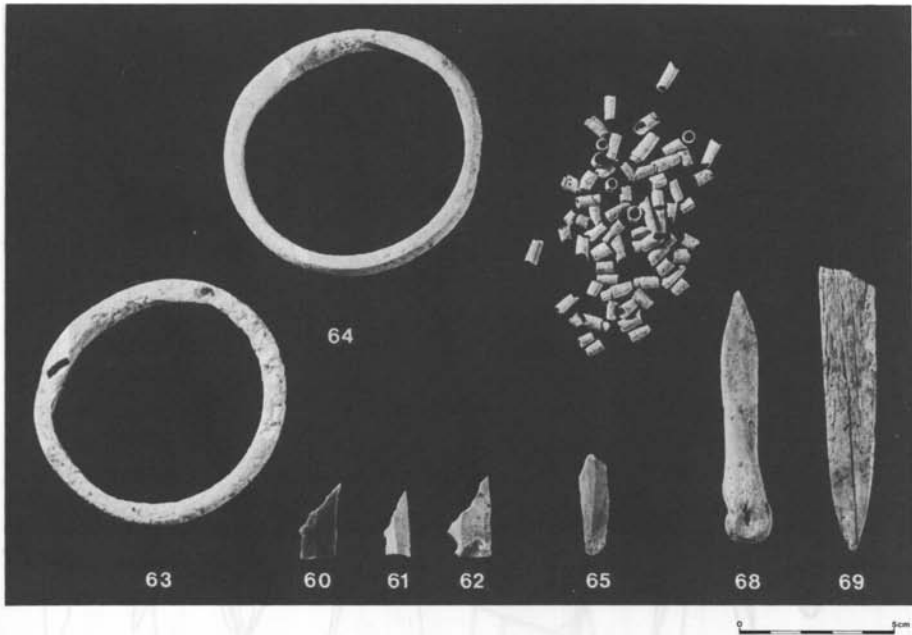


Fig. 8 — Conjunto de espólio encontrado junto do indivíduo H15 (v. texto e fig. 12, 13 e 14).

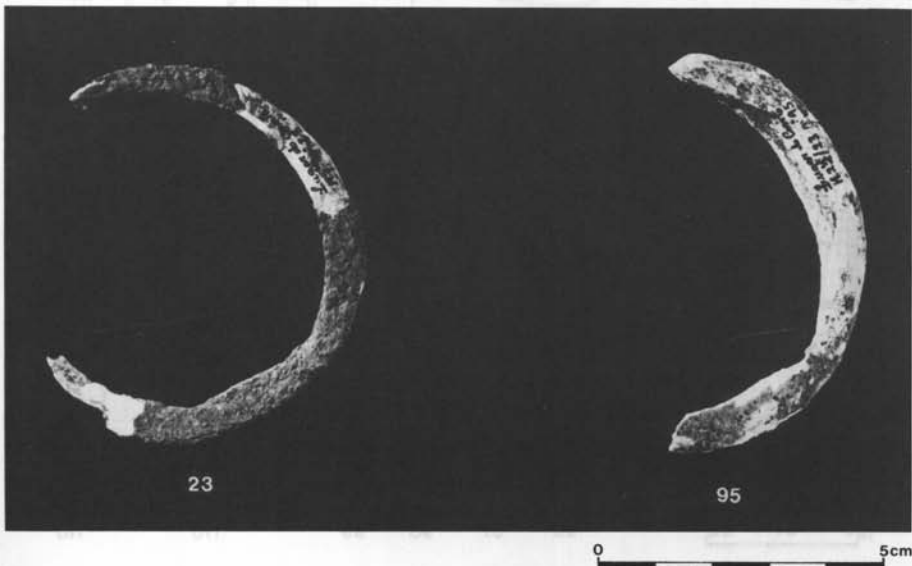


Fig. 9 — Duas braceletes de *Glycimeris*.

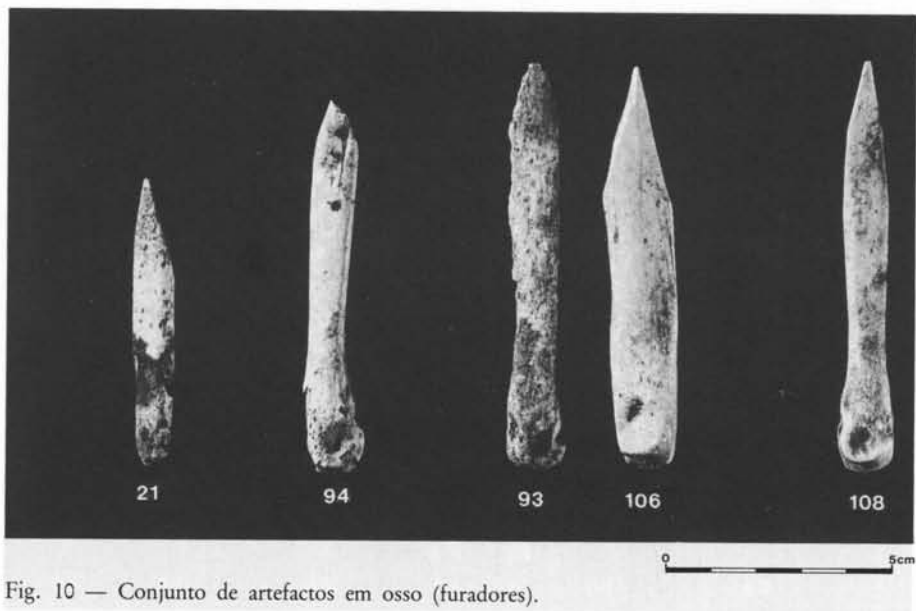


Fig. 10 — Conjunto de artefactos em osso (furadores).

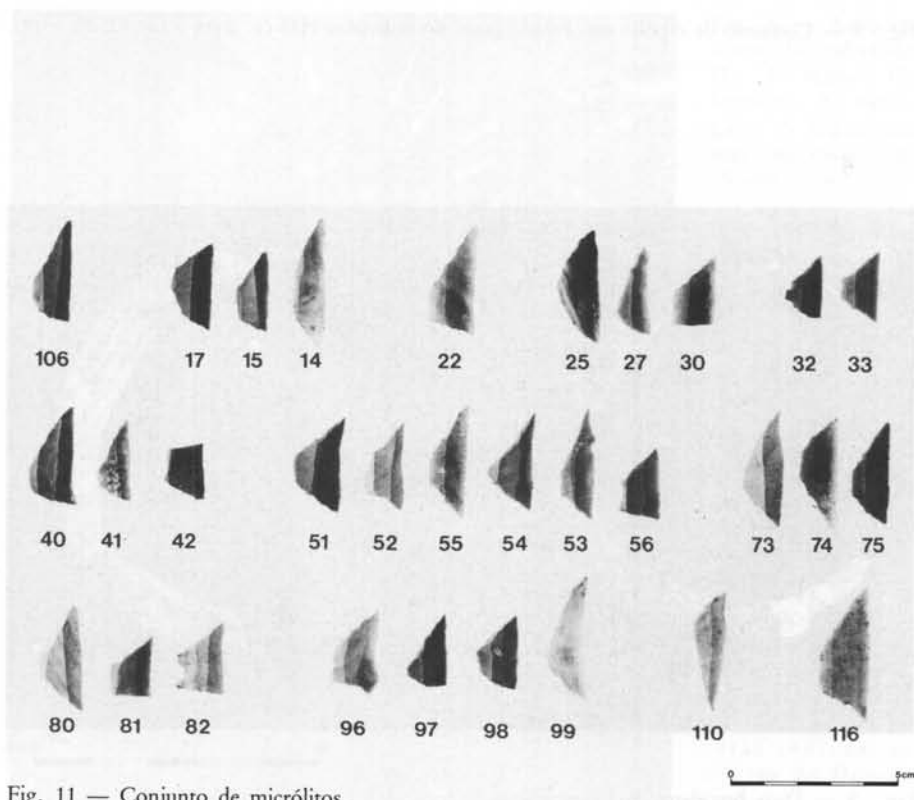


Fig. 11 — Conjunto de micrólitos.

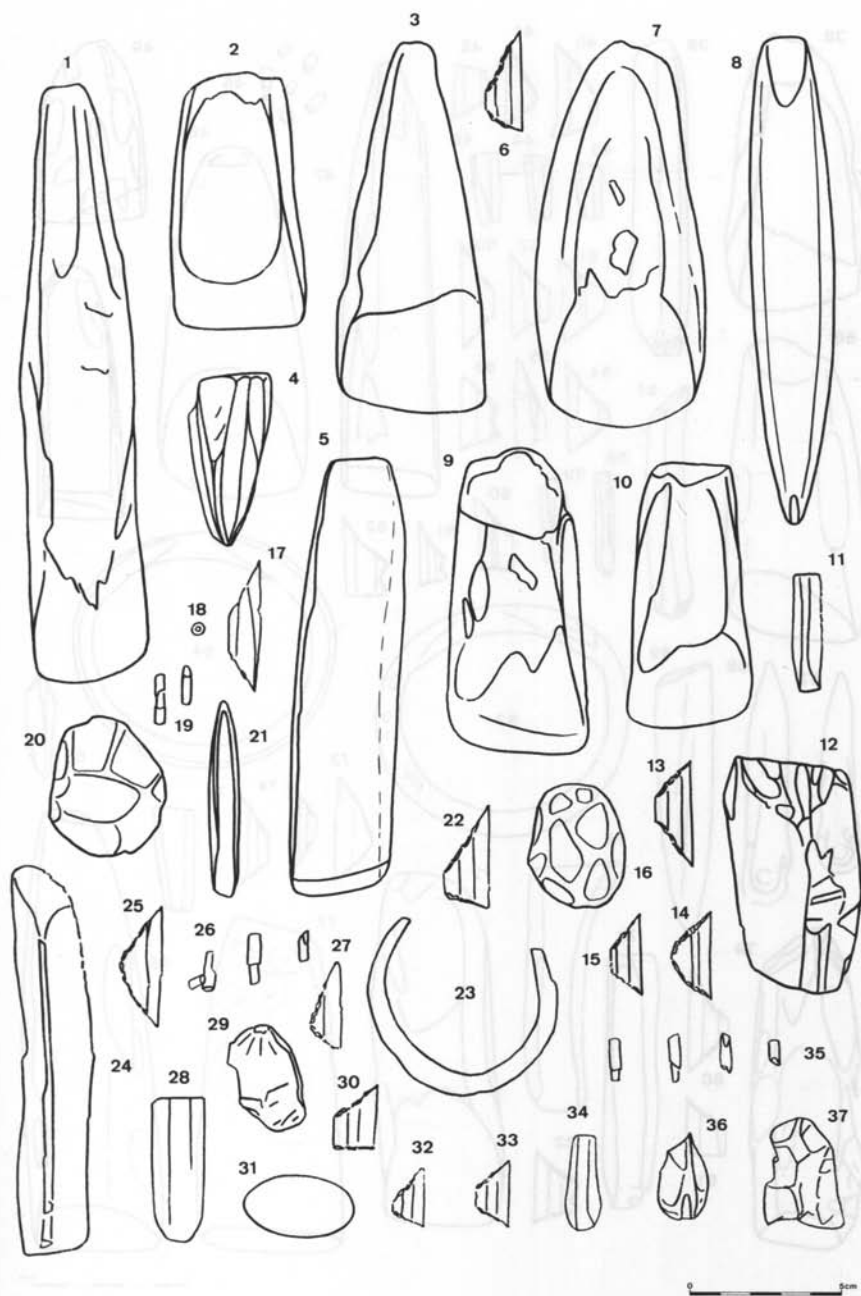


Fig. 12 — Desenho esquemático do espólio encontrado na gruta.

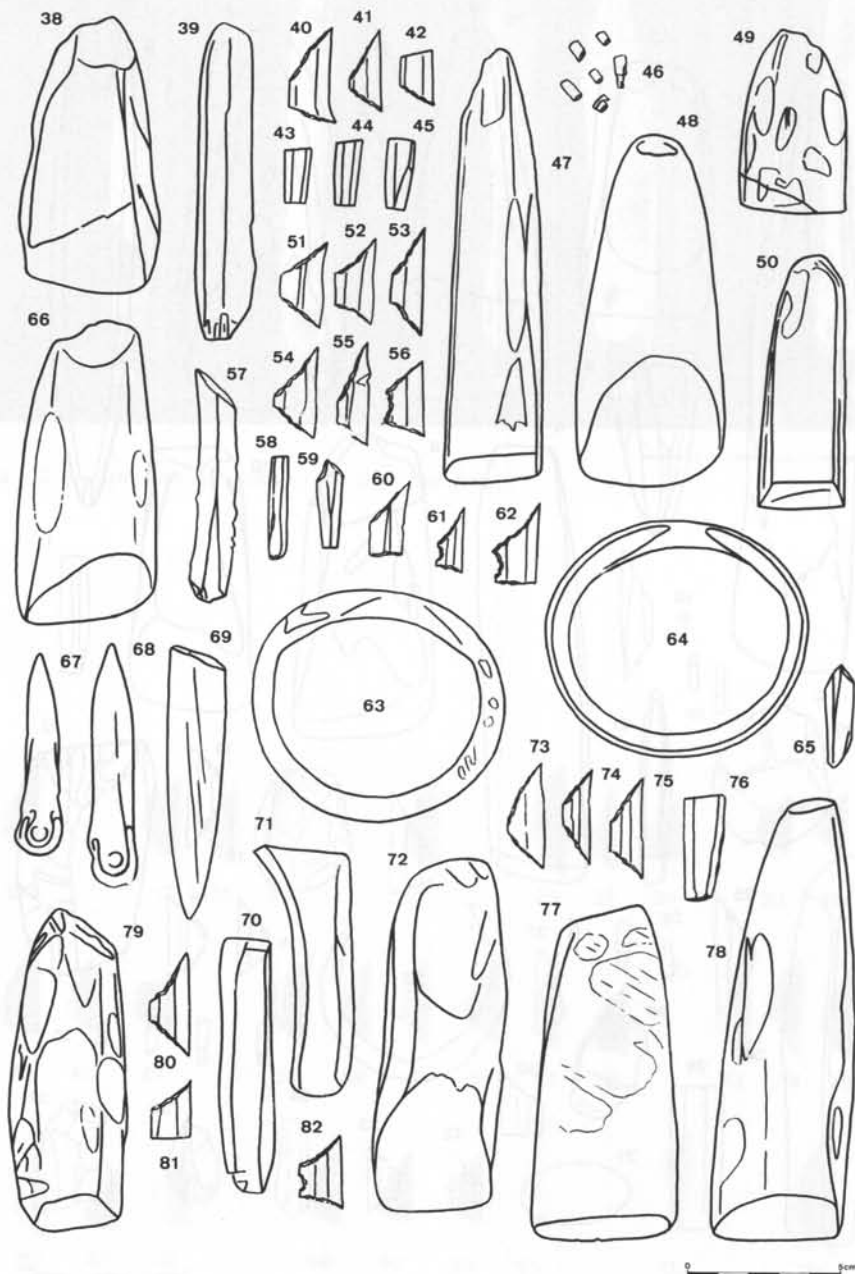
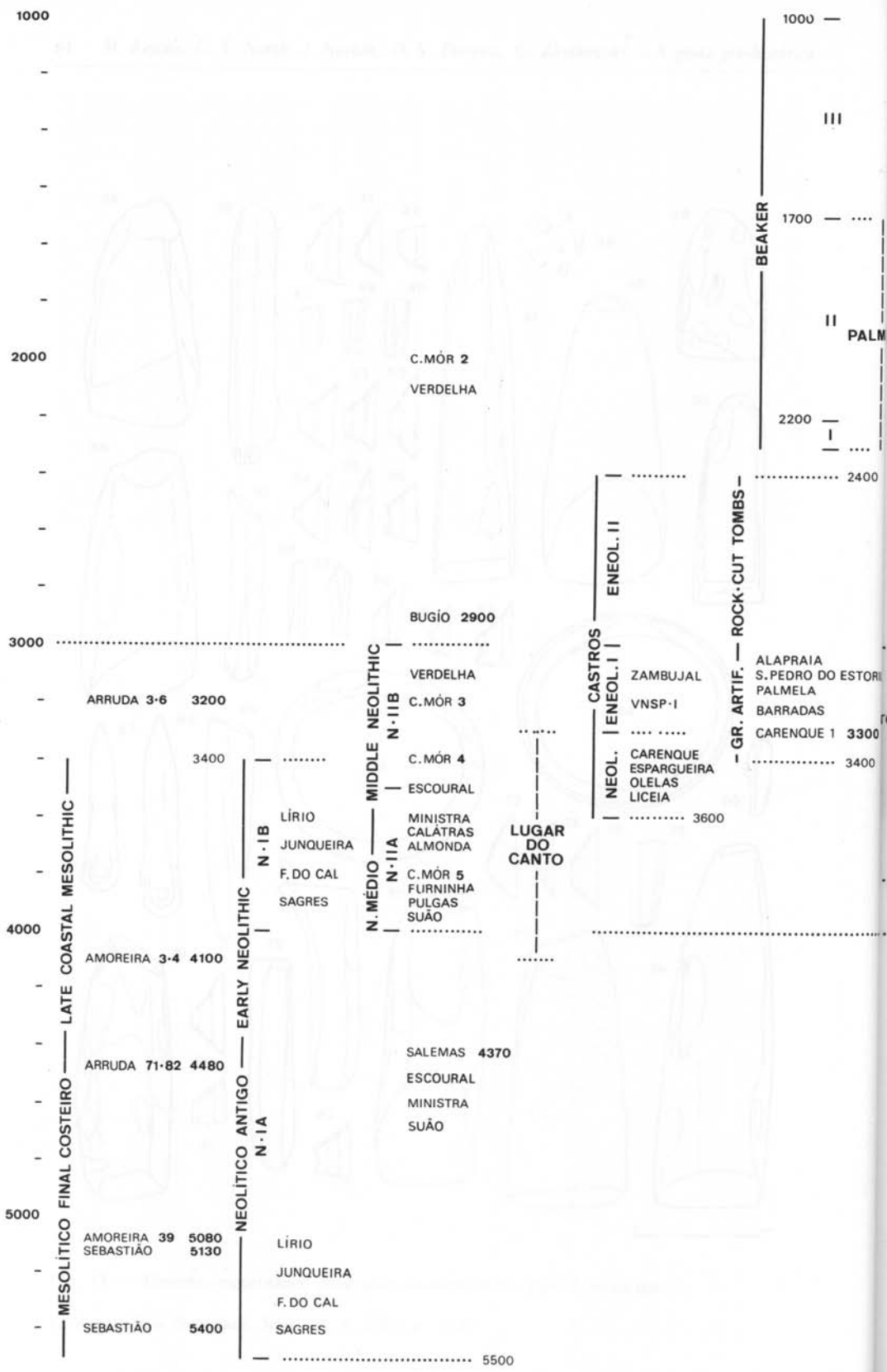
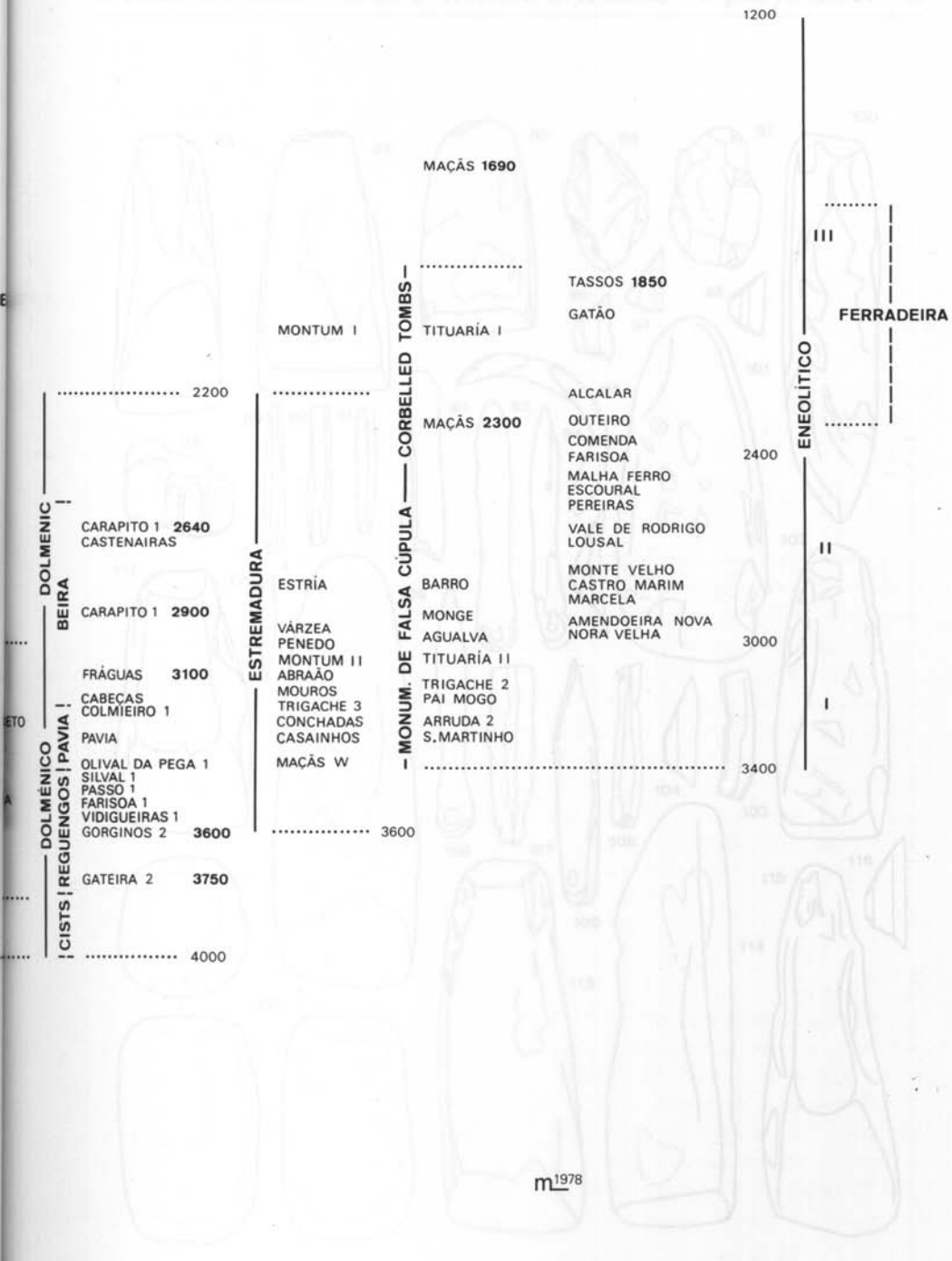


Fig. 13 — Desenho esquemático do espólio encontrado na gruta (continuação).





Quadro 1 — Quadro sinóptico do Neo-Eneolítico português.

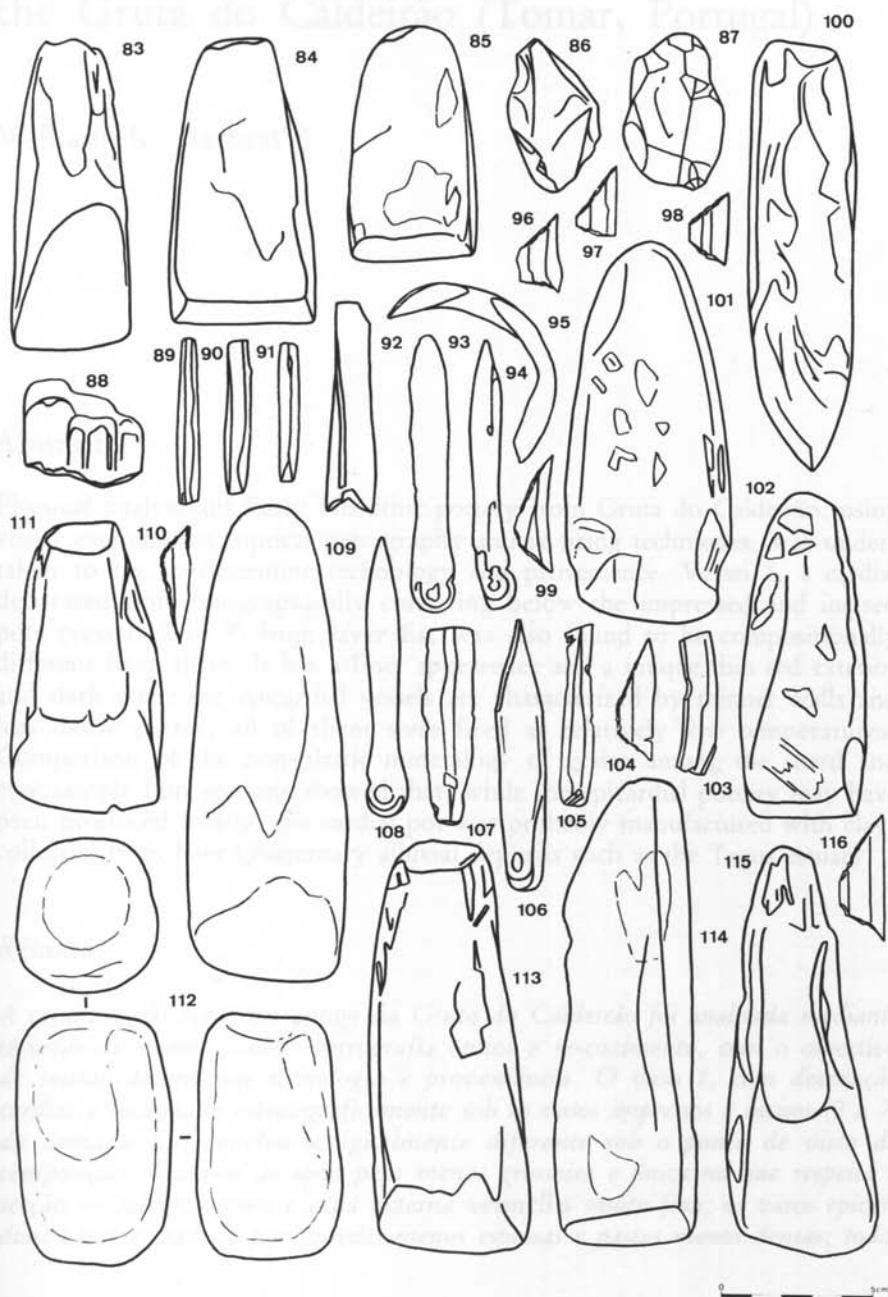


Fig. 14 — Desenho esquemático do espólio encontrado na gruta (conclusão).



Fig. 1. *Phlebotomus* group of the subgenus *Phlebotomus* (Diptera: Phlebotomidae). 1-100. Anatomical details.

1-100. Anatomical details of the *Phlebotomus* group of the subgenus *Phlebotomus* (Diptera: Phlebotomidae).